

## O USO DE PLANTAS MEDICINAIS E TRADICIONAIS NA ALDEIA JAGUAPIRU

Lopes, Jussara Marques<sup>1</sup>; Sangalli, Andréia<sup>2</sup>; Rodrigues, Tatiana Rojas<sup>3</sup>

1. Graduanda do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* - Habilitação em Ciências da Natureza. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS. E-mail: kake.jussara@gmail.com
2. Docente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* - Habilitação em Ciências da Natureza. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS. E-mail: AndreiaSangalli@ufgd.edu.br
3. Docente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* - Habilitação em Ciências da Natureza. Secretaria de Educação do Mato Grosso do Sul. E-mail: tathy\_r@yahoo.com.br

### Resumo

A aldeia Jaguapiru se localiza no município de Dourados – MS, a 4 km da zona urbana. Junto à aldeia Bororó elas somam um território de nove mil hectares e uma população de aproximadamente 14 mil indígenas. São poucas as famílias que estão aqui desde a formação da reserva. Muitas destas famílias, descontentes com as lideranças, acabaram saindo da aldeia e indo viver em assentamentos e outras formas de acomodação como em periferias de cidades, fazendas e corredores. Devido ao aumento desordenado da população vários costumes e tradições acabaram não sendo repassados dos pais aos filhos e foram sendo esquecidos. Valores importantes foram deixados para trás. Hoje as famílias vivem dependendo constantemente da ajuda da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) e outras instituições. Quando ficamos doentes, nem sempre confiamos nas nossas plantas e benzimentos. São poucos os mais antigos que conhecem com clareza as plantas e suas funções e menos ainda os que as cultivam. Assim, tem-se como pretensão retomar o uso, o cultivo das plantas medicinais e resgatar os conhecimentos tradicionais do uso dessas plantas como alternativa e valorização cultural, além de fazer com que as crianças voltem a valorizar os ensinamentos e conhecimentos dos xamãs e rezadores da comunidade. Pretende-se assim, realizar reuniões periódicas na comunidade com alunos e os mais antigos e também leva-los à escola. Serão também realizadas visitas com os alunos aos viveiros de plantas medicinais localizados no município. E, após realizada a pesquisa propomos elaborar materiais didáticos para serem trabalhados com os alunos nas escolas indígenas e implantar um viveiro na comunidade com algumas espécies de plantas medicinais mais conhecidas e usadas pelas famílias.

Palavras-chave: conhecimento tradicional, valores culturais, saúde.

### Introdução

Para nós indígenas, o valor sagrado nasce do entendimento de que todos os seres que existem na natureza têm espírito e se interrelacionam. Mas, na ciência moderna, o ser humano foi separado da natureza, assim como o corpo da mente, o espírito da matéria e o social do natural, ocasionando assim uma visão dividida ou fragmentada da realidade na tentativa de melhor conhecê-la (COMIN, 2006).

Por isso nossa sociedade pode ser considerada ainda, a maior e mais confiável fonte de conhecimento empírico existente e tem mostrado seu valor através dos tempos, pois ainda detém uma grande quantidade de informação inexplorada pela ciência oficial sobre formas de como lidar com ambientes biologicamente diversificados e que podem ser úteis para a compreensão destes ecossistemas e para o desenvolvimento de atividades produtivas menos predatórias.

As potencialidades e aplicações de várias espécies, nomeadamente das espécies com interesse medicinal, aromático e alimentício surgem recentemente com um interesse renovado na revitalização do conhecimento tradicional (Carvalho, 2007).

Da população indígena de fala guarani no Brasil, um quarto reside na Reserva Indígena de Dourados em condições críticas e numerosas famílias se encontram, desde alguns anos ou décadas, à beira das estradas da região, sendo por isso chamadas de “índios de corredor”. Estes foram sendo expulsos de seus territórios à medida em que as fazendas de gado e de soja, assim como outras monoculturas, se implantavam na região (Chamorro, 2007).

E, devido ao aumento desordenado da população vários costumes e tradições acabaram não sendo repassados dos pais aos filhos e foram sendo esquecidos. Valores importantes foram deixados para trás.

São poucas as famílias que estão aqui desde a formação da reserva. Muitas destas famílias, descontentes com as lideranças, acabaram saindo da aldeia e indo viver em assentamentos e outras formas de acomodação como em periferias de cidades, fazendas e corredores. E muitas das famílias que hoje vivem na aldeia dependem constantemente da ajuda da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) e de outras instituições. Quando ficamos doentes, nem sempre confiamos nas nossas plantas e benzimentos. São poucos os mais antigos que conhecem com clareza as plantas e suas funções e menos ainda os que as cultivam.

O saber local sobre o tratamento de diferentes males que perturbam/afetam o ser humano é geralmente evidenciado em conversas com as pessoas mais idosas (inserindo aí os raizeiros, benzedeiros, donas-de-casa etc.) que por um motivo ou outro, carregam consigo essas preciosas informações, recebidas dos ancestrais. A recuperação dessas informações é altamente necessária, tendo em vista que elas servem de subsídio para o

conhecimento do potencial medicinal da flora nacional e, no caso específico, da flora sul matogrossense, auxiliando substancialmente na discussão da questão do uso e manutenção da biodiversidade.

Assim, a pesquisa tem como objetivos a pretensão de retomar o uso, o cultivo das plantas medicinais e resgatar os conhecimentos tradicionais do uso dessas plantas como alternativa e valorização cultural, além de fazer com que as crianças voltem a valorizar os ensinamentos e conhecimentos dos xamãs e rezadores da comunidade.

### **Metodologia**

A pesquisa será realizada na aldeia Jaguapirú, em Dourados, no segundo semestre de 2009.

A aldeia Jaguapirú integra a Área Indígena Dourados, e está localizada na porção Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, entre os paralelos 22°08'45"S e 22°10'15"S e os meridianos 54°47'02"WGr e 54°52'58"WGr, inserida em terras do Município de Dourados, a 4 km da zona urbana. Junto à aldeia Bororó elas somam um território de nove mil hectares e uma população de aproximadamente 14 mil indígenas, das etnias Terena, Guarani e Kaiowá. Quanto aos recursos naturais, a vegetação primitiva da área era formada por fitofisionomias da Região da Floresta Estacional Semidecidual. Mas pelo antropismo acelerado, pela exploração agrícola e agropecuária, essa vegetação vem sendo substituída pelas pastagens e por áreas de culturas cíclicas (Programa Guarani/Kaiowa, 2009).

Em busca de informações sobre as plantas medicinais de uso tradicional, pretende-se realizar reuniões periódicas na comunidade com alunos, pais, professores. A presença do cacique, dos rezadores e dos patrícios será fundamental para que sejam contadas as histórias e mitos envolvendo o uso de plantas, a importância da natureza e das plantas medicinais para vida dos povos tradicionais e a cosmologia envolvida no uso dessas plantas.

Para conhecer as espécies existentes nas áreas de vegetação nativas ainda existentes na aldeia, serão realizadas caminhadas aleatórias com o cacique, os rezadores e curandeiros. As informações serão registradas, além de fotografadas as plantas amostradas e coletadas amostras das plantas para proceder à identificação científica.

Pretende-se também realizar visitas aos viveiros de plantas medicinais localizados no município de Dourados. Nessa oportunidade, os alunos e professores poderão refletir sobre a diversidade de espécies medicinais existentes e as possibilidades de cultivo das mesmas nos fundos dos quintais.

Após a organização das informações obtidas nas entrevistas e caminhadas, propõe-se elaborar materiais didáticos na forma de catálogo para serem trabalhados com os alunos nas escolas indígenas e implantar um viveiro na comunidade com algumas espécies de plantas medicinais mais conhecidas e usadas pelas famílias.

### **Resultados Esperados**

Sensibilizar a comunidade indígena quanto à sabedoria tradicional do uso das plantas como medicamento e da valorização dos remédios naturais; proporcionar aos jovens e adolescentes o conhecimento das plantas medicinais utilizadas tradicionalmente pelos Guarani Kaiowa e que existe no entorno da aldeia; desenvolver a habilidade de cultivo de plantas medicinais nos quintais da aldeia.

### **Bibliografia**

CARVALHO, A.M. Etnobotânica do nordeste português: espécies, usos e saberes da Terra-Fria Transmontana. **CIMO** – Rota de Investigação. Bragança: Centro de Investigação da Montanha, 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/dspace/bitstream/10198/920/1/Etnobotanica%20do%20Nordeste%20português.pdf>

CHAMORRO, G. Língua, identidade e universidade: Pistas para uma experiência intercultural a partir do conceito Guarani de palavra. **Tellus**. Campo Grande, v. 7, n.13, p.37-49, 2007.

COMIN & Escolas Indígenas da Terra Indígena Guarita. **Guia do Professor- Cultura, Ambiente e Biodiversidade**. Org. José Manuel Palazuelos Ballivián. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 88p.il.

PROGRAMA GUARANI/KAIOWÁ. SOUZA, N.M. de (Org.) UCDB. Disponível em: <http://www.neppi.org/fz/modules.php?name=Sections&op=viewarticle&artid=41>. Acesso em: 12/08/2009.